

Editorial

Gabriel García Márquez, escritor colombiano, ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1982. Em seu discurso de aceite, nos brindou com uma importante reflexão sobre a construção da imagem do ser e do ambiente Latino Americano, que viriam a justificar o seu encobrimento pelo Europeu (DUSSEL, 1993). Vejamos a passagem:

Antonio Pigafetta, navegador florentino que acompanhou Magalhães na primeira viagem em volta do mundo, escreveu, na ocasião de sua passagem pelas terras do sul de nossa América, um relato minuciosamente apurado, mas que na verdade parece mais um delírio fantasioso.

Nessa viagem, ele diz que viu porcos com umbigos nas ancas, pássaros sem garras cujas fêmeas botavam os ovos nas costas de seus parceiros, e ainda outros, lembrando pelicanos deslinguados, com bicos feito colheres.

Ele disse ter visto uma criatura desengonçada, com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo e pernas de veado, que relinchava como cavalo. Descreveu como o primeiro nativo encontrado na Patagônia se olhou no espelho, e em seguida, o impassível gigante, perdeu a razão, aterrorizado com sua própria imagem. (MÁRQUEZ, 2012, p. 12)

Nota-se não apenas a criatividade do Europeu em detalhar animais inexistentes ou mesmo o “grau de desenvolvimento” do nativo quando em comparação com o Europeu, mas o retrato de um lugar e de um ser que justificariam as incursões europeias, seja na natureza, seja na pessoa humana. Deste relato, por exemplo, poderiam brotar curiosidades sobre a fauna e a flora latina, ensejando a sua exploração à época, tal como justificativas para a dominação e a catequização daquele considerado selvagem.

Incursões que, porém, não findaram com o tempo (mais especificamente com o fim da colonização) – ou como disse Márquez (2014, p. 12) “*a independência do domínio espanhol não nos colocou a salvo da demência*”. Elas, na verdade, assumiram outras roupagens, como a

biopirataria e a própria colonialidade do saber no tocante à natureza (SHIVA, 2001), e a perpetuação da existência de um padrão de ser humano subjulgável e mercantilizável (traduzidas na colonialidade do ser e do poder) (QUIJANO, 2010). Figuras essas que *"tem irrompido desde então com mais ímpetos que nunca [...] como se não fosse possível outro destino que viver à mercê dos grandes donos do mundo"* (MÁRQUEZ, 2012, p. 12 e 13), para usar das palavras do escritor.

E justamente por isso é que tais figuras deveriam ser combatidas. Afinal, todos deveriam ter voz – *"A América Latina não quer nem tem por que ser um peão sem vontade, nem tem nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental"* (MÁRQUEZ, 2012, p. 13). Nesse passo, o acesso à cultura (como às obras de Márquez) e ao conhecimento específico mostram ser ferramentas importantes para a libertação do indivíduo das amarras coloniais e, logo, do seu fechamento epistemológico excludente.

Já teci em outros editoriais que o conhecimento é libertário e que a divulgação de investigações conduzidas particularmente por pesquisadores brasileiros ou latinos por meio da Revista são importantes justamente para a promoção do Sul e da própria interculturalidade, em que pese os limites impostos pela geopolítica do saber, incluindo a do idioma (sobretudo, pelo uso do português) (SQUEFF, 2021a; 2021b; 2020; 2019). Outrossim, ainda não havia comentado muito sobre o *acesso* ao conhecimento e à cultura.

Márquez (2012, p. 13) afirmou que *"o maior desafio para nós [Latino Americanos] tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida"*. De fato, hoje, esses recursos compreendem a tecnologia, mais especificamente, o acesso à tecnologia. Ocorre que, se estamos atualmente vivenciando uma virada tecnológica, nem todos têm acesso a ela – o *digital divide* é grande quando se compara os níveis de acesso à internet, por exemplo, entre os continentes europeu, africano e latino-americano.

Esta é a nova barreira que teremos que transpor. E se no passado “*não tivemos um instante de sossego*”, como disse Márquez (2014, p. 12) ao referir-se às instabilidades políticas experimentadas pelos latino-americanos quando da saída do Europeu, persistimos em não ter este sossego, pois quando se pensa em superação de certas colonialidades, outras parecem brotar. Dificuldades como essa, sim, nos entorpecem, Márquez! A diferença é que hoje, ao menos, as reconhecemos.

Nesse escopo, fomentar o acesso ao conhecimento *online* de maneira aberta, i.e. sem a necessidade de pagar valores absurdo para ter acesso a outros textos sobre certo tema, é um pequeno mas importante passo para o pesquisador latino-americano. Não apenas isso, mesmo que se submetendo a processos rigorosos de análise (como o *double blind review*), poder compartilhar o conhecimento de forma gratuita é igualmente importante!

Não podemos deixar que a “*interpretação de nossa realidade [por outrem] [...] contribu[a] para fazer-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários*” (MÁRQUEZ, 2012, p. 13). Façamos, assim, a nossa parte. E é com isso em mente que introduzo o volume 2 da edição de n. 50 da Revista da Faculdade de Direito da UFU.

Esta edição é composta por sete seções. Na primeira parte, publicam-se 27 artigos divididos nas seções ‘estrangeiros’ (02), ‘convidados’ (02) e ‘artigos em geral’ (23). Ao todo, são 50 autores que compõe esse grupo, com representantes de 12 estados da federação, quais sejam: GO, DF, MG, MS, PE, PR, RJ, RN, RO, RS, SC e SP, além de autores vinculados a instituições da Bolívia, Espanha, Suíça e País Basco. Quanto à titulação, 20 artigos apresentam autores com a titulação máxima de doutorado, enquanto sete textos apresentam autores com titulação máxima de mestrado.

Já nas demais seções desta edição, há dois *book reviews* e uma análise de jurisprudência, cada um assinado por um pesquisador, um relatório de pesquisa submetido pela Assessoria Jurídica para Migrantes e Pessoas em

Situação de Risco (AJESIR/UFU), além de publicar-se os resumos de dois eventos que tiveram apoio da Revista da FADIR da UFU para a sua realização, quais sejam, a III Jornada de Pesquisa CDEA sobre superendividamento e proteção do consumidor e o VII Simpósio sobre Migração e Proteção de Pessoas.

De tal modo, desejo uma boa e proveitosa leitura a todos!

Uberlândia/MG, 04 de julho de 2023.

Tatiana Cardoso Squeff

Editora-chefe da Revista

Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFU

Professora de Direito Internacional da Faculdade de Direito 'Jacy de Assis'

Pós-doutoranda em Direitos e Garantias Fundamentais (FDV), Doutora em Direito

Internacional (UFRGS) e Mestre em Direito (UNISINOS)

Referências

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro** - a origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. A solidão da América Latina. **RevIU**, v. 2, n. 1, pp. 12-14, 2014

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010. p. 73-1

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SQUEFF, Tatiana C. Editorial. **Revista da Faculdade de Direito da UFU**, Uberlândia, v. 49, n. 2, 2021a, pp. 1-3.

SQUEFF, Tatiana C. Editorial. **Revista da Faculdade de Direito da UFU**, Uberlândia, v. 49, n. 1, 2021b, pp. 1-7.

SQUEFF, Tatiana C. Editorial. **Revista da Faculdade de Direito da UFU**, Uberlândia, v. 48, n. 2, 2020, pp. 1-10.

SQUEFF, Tatiana C. Editorial. **Revista da Faculdade de Direito da UFU**, Uberlândia, v. 47, n. 2, 2019, pp. 1-6.